

1232  
ATÉ AGÔSTO

RUBEM BRAGA

JOSE OLÍMPIO acaba de lançar a 8ª edição de «Menino de Engenho», de José Lins do Rêgo, em um bonito volume pequenino de sua Coleção Sagarana. Wilson Lousada faz uma «Breve Notícia-Vida», do autor e José Aderaldo Castelo assina um ensaio sobre «Memória e Regionalismo». Mas nesta noite de insônia deixo isso para ler depois; leio apenas o pequeno e lúcido artigo de João Ribeiro, publicado em setembro de 1932, e mergulho na releitura do romantismo, que não via há mais de 30 anos. Não é de admirar que esse livro de estréia tenha feito tanto barulho e conquistado o melhor prêmio literário da época. O «Menino» é mesmo um livro admirável, limpo, emocionante.

Mas não vou analisar o livro, hoje clássico, e sim dizer uma coisa ou outra que anotei nessa releitura. Encontro, por exemplo, na página 84 o verbo «esbarrar», no sentido de «parar», como depois havia de empregá-lo, até com excesso, o admirável Guimarães Rosa. Só que aqui não quer dizer bem «parar», quer dizer mais «fazer parar» ou «deter». A frase é esta, no meio da descrição da luta dos homens do engenho contra o fogo: «As enxadas tiniam no massapé, as foices cantavam nas touceiras de cana, abrindo os aceiros para esbarrar a carreira das chamas».

Além do sentido vulgar de topar com alguma coisa, ir de encontro, os dicionários anotam, como brasileirismo, o de fazer parar o cavalo de súbito, e o Caldas Aulete registra também a forma intransitiva: «o cavalo esbarrou». De qualquer maneira o verbo dá sempre idéia de um ato súbito ou de força.

Sobre a vida no engenho, anotei duas curiosidades: a comida mais barata é o bacalhau (além da carne de sol com farinha) e o pobre geralmente não dorme em rede, mas em cama de vara.

Bacalhau hoje é comida de rico, como deve ser um peixe importado de tão longe. E por falar em peixe, encerro esta nota rápida e raia anunciando que vou a eles. Passarei uns dias em águas do Sul, a bordo do «Almirante Saldanha», que estuda os mares e peixes do Brasil; até a volta, até agosto.

27.7.65